

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE SETEMBRO DE 1916

ANO I—N.º 5

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$00 SEMESTRE... \$50

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 - TELEFONE 2337-C. - LISBOA

TURISMO DOMINGUEIRO

MERCÊ da facilidade dos trans-
portes aos arredores de Lisboa,
todos os domingos os comboios trans-
portam ás dezenas de milhares de pas-
sageiros, que vão para o campo gosar
as delicias de uma boa sombra, n'estes
esbrazeados dias de verão.

No Porto acontece outro tanto, mais
frequente porém, quando uma romaria
convida toda a gente a ver mais as ro-
meiras do que a santa festejada.

Mas que febre ataca esta gente de
passar ao domingo, de não ficar em
casa, como era natural, descansando
com a família e ir maçar-se para
o campo, tornando assim o domingo,
n'um perfeito *cansaso semanal*?

E' fácil a resposta, a modicidade
do preço dos transportes. Se já an-
tiguamente o exodo era grande, de-
pois da tarifa 7-bis, esse numero tri-
plicou, e se ainda ela fôr mais barateada
maior será o seu aproveitamento.

E a prova, é esta, os preços mais
economicos das linhas de Cintra e Cas-
caes, são para Amadora e Algés, jus-
tamente os logares que tem maior
numero de visitantes.

Se a Companhia, barateasse ainda
mais os bilhetes para Cintra e Cascaes,
reduzindo-os a 20 centavos, ida e volta,
e para as estações anteriores, um preço
equivalente áquele, certamente os pas-
sageiros, não ficariam na Amadora e
Algés, pois iriam mais além.

Mas um estrangeiro que veja aos
domingos esses com-
biois a abarrotar de
passageiros, julgará
haver nos arredores de
Lisboa, um sem nu-
mero de restaurantes e
locandas, a fazer um negocio colos-
sal; mas quando lhe disserem, que

nem cinco por cento, d'esses viajan-
tes domingueiros, se sentam a uma
mesa para jantar, e que esses restau-
rantes não passam de meia duzia de
tavernolas, onde o serviço deixa mui-
to a desejar, aparte, é claro, algumas
honrosas excepções, como sejam os
hoteis e restaurantes de Cintra, Estor-
ris, Algés etc., perguntará assombrado
a causa de tão diminuta frequencia.

Uma coisa muito simples, o exagero
desmedido do preço, porque essa gente
serve o publico. Imaginam que o fre-
guez não volta—impecilho imperdo-
avel para o desenvolvimento do turismo
em Portugal—e entram-lhe pelas algi-
beiras, como por uma cidadela vene-
cia.

N'uma d'essas tavernolas pagámos

nós, por um jantar muito inferior, o me-
lhor de dez tostões e pareceu-nos que o
dono da casa, um saloio irritante, ficou
com pena de não cobrar mais.

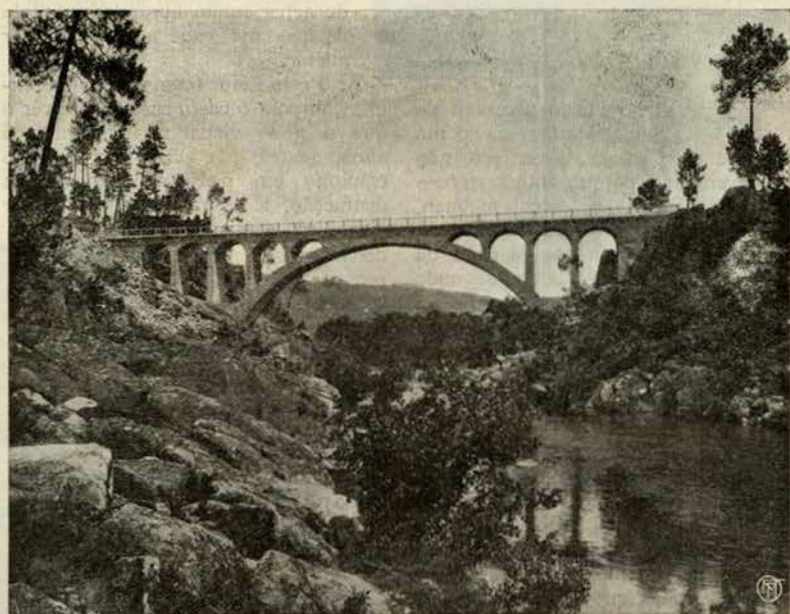
E isto, não é só nos restaurantes é
em tudo.

De outra vez, quizemos comprar em
Colares, uns pecegos, e pediram-nos
mais cáro que em Lisboa e sendo mais
inferiores.

Tudo isto é a febre do assalto que
se faz ao viajante, não se lembrando
ninguem, que a propaganda é a vida
ou o descredito do seu comercio.

Por isso, vemos aos domingos os
passageiros, munidos de grandes farneis,
n'uma defesa á gula do estalajadeiro
ganancioso.

Que delicia para o turista, encontrar,
sob a deliciosa sombra das ramadas,
uma mesa asseada e uma conta equi-



S. PEDRO DO SUL
PONTE DO PEGO
Vide artigo, pag. 36

tativa; e que onda de progresso se não elevaria assim para as pequenas e alegres terreolas dos arredores de Lisboa? Sabemo-lo nós, mas não o sabem eles.

Outro ponto importante, para o aborrecimento do visitante é a dificuldade dos meios de transporte além do caminho de ferro, onde difficilmente se obtém um trem, e quando se tem a felicidade de o encontrar, tem a gente o desgosto de despejar a bolsa para o pagamento do frete.

Mas ha peor do que isto, a Companhia Cintra ao Atlantico, foi estabelecida para o desenvolvimento de Colares e da praia das Maças, mas o resultado foi pouco pratico. Cometeu-se logo um grande erro, em não fazer passar a linha pela Varzea de Colares,

ponto de magnifica sombra, e depois a Companhia entrou no campo da exploração, desmedida, ao publico.

Não creou tarifas economicas, e ao domingo, agravou o preço aos passageiros, recusando-se a vender os bilhetes de ida e volta, que nos dias de semana custavam 30 centavos, para só vender bilhetes simples, que custam 20 centavos, ou seja ida e volta 40.

Isto é a mesma coisa que dizer ao publico que não vá lá. E Colares e a Praia das Maças pela sua paisagem e pela amenidade do seu clima, eram bem dignos de melhor sorte.

E' assim tudo na nossa terra, a febre da ganancia, empata e dificulta tudo.

GUERRA MAIO.

A COSTA DOURADA

HAVERÁ, certamente, ainda, pouca gente que conheça, por este titulo, a encantadora linha marginal que vae desde a foz do

preferi substituir o nome de *Enseada azul*, pelo de *Costa Dourada*, por achar esse titulo mais apropriado em todo o sentido e, tambem, para que não houvesse confusão na auctoria d'essas chronicas...

Seja dito de passagem e em abono da verdade, que não é meu intento fazer consagrar a minha idéa; basta que eu a consagre — e já me satisfaz. Mas quem realmente attenda em tudo quanto se manifesta n'essa zona, isto é: nas bellezas naturaes e n'aquellas que o gosto e a habilidade do homem produziram, a que uma intensa e original luz dá um extraordinario realce, não deixará, certamente, de achar muito apropriado o titulo de que me cabe a honra de ser auctor.

Posto isto (como simples explicação para o caso) passemos a vêr o que o gozo visual nos transmite á alma, quando por alli se faz o nosso caminho em passeio de verdadeira distracção. E assim começaremos por dizer (na senda de defendermos sempre a verdade e de luctarmos contra a barbarie, que é um dos apanagios da nossa vida) que o inicio d'esse passeio, partindo de Lisboa, quer de comboio, ou seja d'automovel. ou ainda por mar, é sempre desagradavel, pelo espectáculo *marroquino* que

á nossa vista apresenta o Caes do Sodré, onde está installada a estação do caminho de ferro que dá acesso á linha de Cascaes, ou por onde tem de se passar indo de auto ou de moto, e esse agglomerado de barracões que se estendem pelo Aterro fóra até Alcantara.

Esse espectáculo só deixaremos de o gozar sem duvida, quando a locomoção aerea fôr um facto, positivo e pratico; a não ser que se faça um campo d'aviacção no recinto existente entre o mercado de peixe e a sede da Assistencia... ou defronte do *architetónico* mercado, e que d'ahi partam os aeroplanos.

Mas, o nosso intento não é hoje o de combatermos o desleixo que representa essa primeira impressão d'um passeio pela *Costa Dourada*, mas sim pôr em relevo os attractivos que ella tem para quem a vae gozar com os olhos do espirito e não com os do corpo... porque, na generalidade, os que se dão ao luxo de semelhante passeio, entretem-se mais com *os botes que passam e os vapores que vão a entrar ou a sahir*, do que a saborear os encantos dos diferentes quadros com que a natureza nos enebria e nos alegra a existencia, nos sensibilisa e nos seduz, n'uma continuidade de sensações espirituaes de indissolvel sabôr.

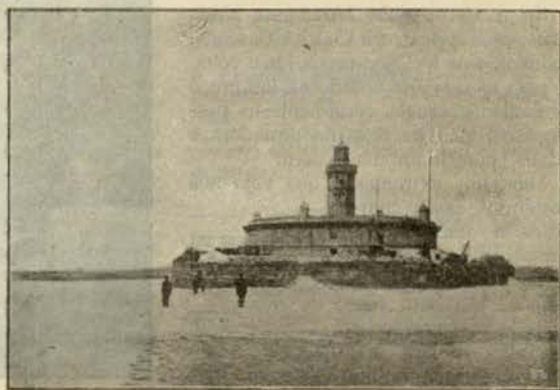
Referimo-nos, bem entendidos, ao panorama que se começa disfrutando a partir da magestosa Torre de Belem, d'esse perpetuo testemunho historico que assignala uma das épocas mais brilhantes da epopeia luzitana.

Realmente, desde ahí, tudo tem uma expressão incomparavel de beleza, de inconfundivel grandiosidade. O enormissimo lago delimitado pelo estreitamento do rio até a sua foz, onde se ergue, como humanitario aviso aos navegantes, a poetica Torre do Bugio, é simplesmente incomparavel. A sinuosa linha que elle banha, com a caricia espumante das suas deliciosas vagas, é d'um effeito pheroico.



TORRE DE BELEM Tejo até o pharolim de Santa Martha, na ponta sudoeste de Cascaes. Esse facto não é para admirar, porque, antigamente—antes da vigencia do actual regimen, ella era alcunhada de *Enseada azul*; e se bem que uma grande parte da nossa população não soubesse onde tal enseada ficava, a outra parte—a que lê os *carnets* mudanos dos jornaes—conhecia-a distinctamente e muito se interessava por tudo quanto n'ella se passava, principalmente n'esta quadra.

Tendo sido, porém, ha alguns annos, incumbido de fazer *chronicas elegantes* para a secção mundana d'um respeitabilissimo jornal de Lisboa, «A Nação», sobre os diferentes casos da vida que, geralmente, na epoca balnear alegra as praias que se estendem por essa parte da nossa costa marítima,



Aqui as curvas reintrantes das praias de Pedrouços e Algés, a que as construções de variadíssimas formas dão um realce exquisito. A seguir, as saliências da Cruz Quebrada e do velho Forte de Caxias, em harmonioso conjunto com as habitações rústicas e à moda de chalets, dão ao espírito observador uma sensação agradável, tocante pelo colorido, que se prolonga até a pequena baía de Paço d'Arcos, orlada de arvoredo e de edificações a esmo, umas originaes pelo gosto, outras d'um gosto original...

Entra-se, então, propriamente na *Costa Dourada*, banhada já pelo verde Atlantico. D'ahi em diante, as perspectivas são quasi que absolutamente diferentes. Todos os quadros que se apresentam á nossa vista tem cambiantes diversas de luz, que sensibilizam e que mais fazem destacar os motivos que lhes dão relevo. A paisagem, tanto terrestre como marítima, é positivamente única. E desde Santo Amaro d'Oeiras, com as suas *achinesadas* casas, até a vasta baía de Cascaes, onde brilham as aristocraticas moradias, tudo é bello, tudo é agradável á vista, tudo é saboroso para o espirito.

Pena é que os campos que marginam esse geral e soberbo panorama, não sejam aproveitados na cultura de arvoredo, duplamente benéfica á saúde e á vista; e, apenas, nos que circundam os privilegiados Estoris a flora se expanda n'uma sedutora exuberancia.

Todavia, a linha do horizonte marcada pela serra de Cintra; as diversas *nuances* dos cêrros e valles n'ella descriptos pela Natureza; os diferentes tons do verde em que se esbate a mais luminosa luz de fulgurantes raios que lhe dá matiz, graça e belleza, em suave harmonia com o multi-colorido das habitações que sobresaem espalhadas, por entre esse delicioso fundo como marcos de vida; tudo, emfim, nos causa a impressão intraduzível do regozijo intimo, da plena satisfação dos sentidos ao contemplarem-se as perfeições.

Voltemo-nos para o mar, e admiraremos a parte que encastoa o transparente oceano. Ahi os aspectos são outros; tem outra forma, uma polychromia differente.

O realce da tristeza melancolica a que o marulhar das ondas põe uma nota sentimental, contrasta-se em toda a sublimidade com a expressão alegre e ridante do panorama terrestre, onde a intensidade da vida que n'esta quadra alli se estadeia, põe fulgura-

ções de magica e hypnotisante atracção.

E no regresso d'esse passeio, trazemos no corpo o tonico refrigerante das forças gastas na luta pela vida, e na alma e conforto do contentamento.

E' claro que este amontoado de coisas, producto da minha concepção talvez *excentrica*, é para ser lido por quem ainda não se deu ao luxo de passear pela linha de Cascaes; porque os outros que me lerem, chamar-me-hão, certamente, *pretendente a originalidades*, se não fôr coisa peor. Emfim, se tal succeder, que Deus lhes perdõe...

JOSÉ LISBOA



CASCAES — A PRAIA

TERRAS DE PORTUGAL

BEIRA ALTA

CONHECEIS a Beira Alta? E' uma fértil provincia, portugueza de lei, que vê, a leste, a Serra da Estrela, com as suas neves; a oeste, o Caramulo, com a sua tristeza; e ao sul, o Bussaco, de gloriosa memoria e de mystica tradição.

E' accidentado o solo, succedendo-se ás pequenas ondulações de terreno as collinas, os ceros e os montes, separados uns dos outros por quebradas e valleiros, onde sussuram as aguas cahidas das alturas.

As cumiadas ou são vestidas de urzes e asperos tojos, ou são toucadas com a rama verde-negra dos pinheiros. Mas tão rica de seiva é toda a terra, que nos logares em que o machado debastou o pinhal, vêdes logo apparecer a leira verdejante, que irá escorregando pela encosta até se casar com a farta cultura dos valles.

Aos soutos dos castanheiros de carcomido tronco, e aos pinhaes e carvalhedos, segue-se aqui, o rico plaino animado pelo ribeiro e pelo moinho ruidoso, ali, a vinhar a espreguiçar-se na encosta; mais acima, e longe e perto, a oliveira.

São tristes as aldeias, porque o granito beirão mal desbastado e enegre-

cido, lhes dá a côr de luto; e como ellas, e como a oliveira, é triste o aspecto do paiz. Não ha as amplas planuras, em que a vista se deleita e se namora; nem os meambros da lisa corrente a luzir em longa fita, por entre as folhas salgueiraes; nem o alvejar de muita casa branca, ao pendor das colinas; nem a laranjeira odorosa, enfileirada em pomares extensos, que fóra do valle de Bésteiros, sómente encontrareis como beneficio atavio da casa do lavrador...

Mas na altura, no logar vistoso, parecer-vos-ha bem caíada a capella ou a igreja, meio escondida detraz das folhas de castanheiros, de carvalhos e de oliveiras. São a devota alegria das povoações visinhas; são a respeitada causa de festas e romagens, onde o povo troca, por sincera alegria, o ar sério e grave, que lhe é habitual.

Na beira vereis a infancia dos processos agricolas; o homem a suar trabalhos, a mulher a lidar no campo, e até as creanças empregadas no duro serviço que só é devido aos braços. Mas ao cahir do dia, vê-os-heis alegres e contentes, apesar da fadiga de tantas horas. Descobrir-se-hão deante de vós, e ouvil-os-heis dizer «Guarde-o Deus!» ou «Deus o salve!»

Da torre proxima da igreja descera o toque das Avé-Marias, como benção da tarde, que vem de cima, e, emquanto vão caminhando silenciosos e recolhidos na breve oração, só ou-



UM PASTOR BEIRÃO

vireis as campainhas dos gados, que se recolhem ao redil.

E em tudo vereis a crença e a força, o trabalho e a paz, e essa sã virilidade que é o eterno louvor da natureza.

SILVA GAYO.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

S. PEDRO DO SUL

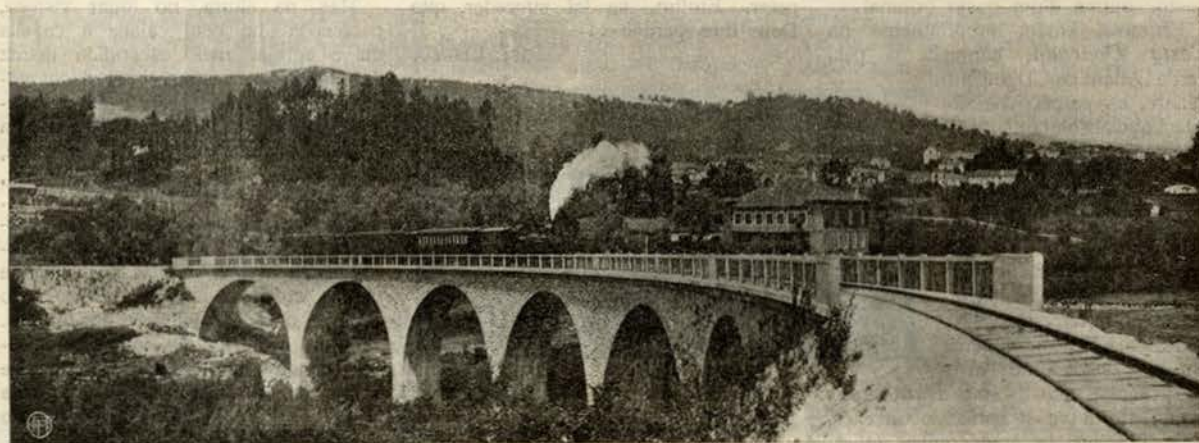
O comboio vencera o alto de Bodiosa, e o calor d'aquella tarde de agosto esbraseante, que não deixava mover as agulhas dos pinheiros, começou a ceder a uma brisa ligeira, subtil, como uma visita ama-

assenta a sua capelinha branca de neve, no alto de um pico escabroso, muito perto do Ceu, para aqueles que de noite a olharem, vejam as estrelas, que ali parecem maiores e de brilho mais fulgurante.

vila, que fartas quintas e casas senhoriaes apertam e onde ramos de videira estendem os braços, como que a dar-me as boas vindas e a oferecer-me as suas uvas já maduras.

Dos balcões seculares e sob os alpendres de antigas eras, rostos de uma meiguice virgem, e olhos de uma candura de benção, despedem um cumprimento mudo, como só as mulheres de Lafões sabem fazer.

Das portas das lojas, comerciantes em cheneles, sorridentes, estendem a



vel e sorridente. Começamos a descer a montanha, e essa brisa amiga traz-nos um delicioso bem estar. Aproxima-se o vale de Lafões.

O comboio serpenteando pela encosta, desenrola-nos pela vista uma paisagem de mystica suavidade, são as videiras abraçando o arvoredo ainda moço, são os pinheiros a coroar os montados, para que os rebanhos e os pegureiros tenham sombra e resina para sorver e reconfortar os pulmões.

N'uma curva rápida, o comboio, descortina-nos dos mais belos panoramas que os nossos olhos jámais tiveram pela frente e o nosso espirito jámais sentiu. O vale de Lafões.

Lá ao fundo, no supé da serra, estende-se S. Pedro do Sul, entre as verduras que descem dos pinheiros, com o seu casario garrido, e abraçado pelo Vouga e pelo Sul, que ali juntaram as suas aguas, como dois braços que se unissem para apertar um corpo amado.

Para além, o Vouga ondeia entre aquele verde idílico, que inspirou a Antonio Correia d'Oliveira, essa deliciosa quadra:

*Olha o Vouga entre verduras
Como vai devagarinho.
Parece mesmo pasmado,
Por ter tão lindo caminho.*

Mais além, a Senhora do Castelo,

O comboio pára na estação de S. Pedro do Sul, apeio-me saudoso da deliciosa viagem, e trepo para uma carrinhola, que a hospitalidade lafonense me mandára ali, e sigo pela estrada, lenta e suave, que conduz á



VISTA GERAL m'um cumprimento franco e amavel.

Entro por fim, na pousada amiga, onde a brizarrá hospitalidade lafonense me abre, de par em par, as suas portas e o seu coração.

A casa que tem por visinho, apenas o arvoredo e a videira moça, carregada de uvas, e o Ceu sereno d'anil, faz-me, da sua varanda sobre o rio Sul, esquecer de todos os males da vida.

O Sul, ao contrario do Vouga, parou ali, num immenso lago como uma enorme serpente enfartada, para que o arvoredo e os canaviaes, possam estender, sofregos, as suas raizes. A paisagem idilica d'aquelas serras enche-me a alma de uma suavidade melancolica, e de um bocolismo sentimental.

Ali estive, em muda contemplação, até que a noite, estendendo o seu manto de estrelas sobre aqueles montes, me deixou ouvir o doce trinado de um rouxinol que numa balada doce e suave, me dava tambem as boas vindas.

Manhã alta, um sol refulgente entrou pelo meu quarto, fazendo-

me erguer e ao vir á janela, a impressão que a minha alma sentiu com aquele inesperado convite, jámais se apagará.

Lá em baixo sobre o seu pico, a Senhora do Castelo, rodeada por uma densa neblinha, parecia erguer-se na amplitude do Ceu, o Vouga adormecido sob a sua coberta neblina de neve, preguiçava ainda entre as sebes altas e espessas. Só os pinheiros enfileirados nas cristas das montanhas, permaneciam em guarda como sentinelas esguias e vigilantes.

Sahi, e pela estrada fóra sob a doce manhã que subia, alegres bandos de aves matinaes sacudiam o orvalho das ramadas, e davam alegria aos cavadores, que de enxada ao hombro, cruzavam, tirando á minha passagem, com um respeito nobre, o seu chapéu braguez.

A estrada que vae para Vizeu, ao despedir-se de S. Pedro, deixou-me, pelos jardins que a cercam, a impressão d'esses caminhos da fabula, onde sob o toldo de verdura, e junto aos lagos de agua mormurante, repousam aquelas ninfas de que nos fala a lenda.

Mais abaixo, na bacia entre o Sul e o Vouga, fartas terras de sementeira, divididas n'um perfeito xadrez, como um chale de verdura que se estende-se sobre a terra, dão ao povo de S. Pedro do Sul, n'uma comunhão de solidariedade, a horta fecunda, onde a couve se eleva em folhas colossaes, a alface sorri e a melancia engorda.

Todos ali teem a sua leira, e tão bem tratada que não se distingue qual o melhor hortelão.

Agora, com os seus pés morenos, banhados na placidez das aguas do Sul,



PALACIO MUNIZ
E ESTRADA DE VIZEU

as lavadeiras despedem da boca uma canção, ora apaixonada, ora de alegria campesina, cadenciosa-

mente harmonisada com o bater lento da roupa, lavando... lavando...

Atravessa-se o bairro da Ponte, onde as casas antigas da laboriosa gente de Lafões, amontuadas, parecem que-



rer descer a banhar-se nas aguas claras do rio.

Depois sobre a ponte do Vouga, na lagoa enorme, cercada de um muro alto de salgueiras, avista-se S. Pedro do Sul, a espelhar-se nas aguas, oscilando em vagas lentas e doces como n'uma maré de cristal.

Depois do almoço pingüemente servido de vitela, dessa vitela de Lafões, memoravel e afamada, e de um vinho leve e refrescante, pude acabar de ver a vila de S. Pedro, a que estão ligadas tradições da velha fidalguia portugueza e onde ainda hoje parecem habitar os ultimos lusitadas.

Largas horas a carrinhola rolou pelas ruas, entre o casario, pelas estradas entre as sebes e os muros altos.

As casas senhoriaes ostentam ainda sobre os porticos os seus brasões, dos alpendres ainda cabem aquelas colchas de verdura do seculo passado, onde se debruçavam as morgadinhas para ver passar o cavaleiro ama-

do, no seu ginete de campanha. Mas a par d'essas casas solarengas, outras se ergueram, modernas e alegres, com as suas aguas furtadas, o azulejo

a cobrir-lhe a frontaria, o gradeamento rasteiro, e com a porta sempre aberta, para que os visitantes entrem e possam descansar, onde encontram sempre um sorriso acariciador e um copo cheio de vinho.

A noite desceu, e por detraz dos negros montes, espreitou uma lua cheia, como uma hostia sagrada, que se ergue-se ao Ceu, tendo por calix o vale de Lafões, e rendilhou de filigranas de prata as cabeças das montados, que ha pouco o sol, a fugir, tinha refulgido d'oiro.

GUERRA MAIO.

NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

VAE tomando extraordinario vultu este importante problema de economia nacional. Do Brazil teem vindo telegramas da Camara do Comercio Portuguez e de outras importantes collectividades, solicitando do sr. Presidente da Republica a creação mediata da tão desejada carreira de vapores nacionaes.

Entre nós tambem ele tem tido eco, pois consta-nos que varias entidades portuguezas e até um dos mais importantes bancos de Portugal, fizeram ao governo propostas para explorar a navegação transatlantica.

Vemos pois, com regosijo, que o rejuvenescimento da marinha mercante nacional, vae preocupando os nossos comerciantes e oxalá o entusiasmo não arrefeça, que o seu resultado será de elevada importancia para a vida economica do paiz.

Fala-se tambem no desenvolvimento das carreiras africanas, o que se tornava muito necessario, devido a haver nas colonias grande quantidade de carga a transportar.

Do Brazil ha noticias da organização de uma linha brazileira de vapores, da praça de S. Paulo, que a ser levada a efeito, e conjugados os seus interesses com os da linha portugueza, muito teria a lucrar o intercambio comercial com o Brazil.

EXPEDIENTE

Estamos procedendo á cobrança das assignaturas do 1.º semestre, e por isso rogamos ás pessoas que se dignaram aceitar a nossa revista, satisfaçam a sua importancia para nos evitar trabalho e despezas.

ARTE E LITERATURA

O CASAMENTO

DE AUGUSTO GIL

Uma voz propiciatória disse
no Templo, para o grão-sacer-
dote: chegou o tempo de cum-
prir-se a profecia de Isaías:
Da raiz de Jessé-brotará uma
haste e na haste esplenderá
uma flor.

(Da lenda das varas, re-
colhida por N. Cecílio).

Ora no tempo feliz
Em que dizia Jeová
Palavras que já não diz,
Ou que ninguém ouve já...

Falou assim para o velho
Grão-sacerdote do Templo,
Homem bom, de bom conselho
E de translúcido exemplo:

— É esta a minha vontade.
Pelas terras da Judeia,
Desde a mais vasta cidade
À mais recôndita aldeia,

Os teus arautos divide
Para que em vozes canoras
Os parentes de Davide
Convoquem às mesmas horas

A virem no mesmo dia
Saber de mim qual será
O marido de Maria,
Lua nova de Judá.

Cada um há de trazer
Uma vara d'amendoeira,
E o bordão que florescer
Mostrará, dessa maneira,

Quem merece honras de esposo
Dessa menina bendita
De rosto melodioso
E de virtude infinita...—

O som rasgado e potente
Das longas tubas sagradas
Retine energicamente
Nas praças e nas estradas.

Soam trombetas e após
No ar calado se alteia
O teor do pregão em voz
Vibrante, cantante, cheia...

E todos os descendentes
De Davide se aprestaram,
Alegres e diligentes,
E de longada abalaram

Com seus trajes mais vistosos
Onde as joias dão clarões,
Com seus cortejos fastosos
De cavaleiros e peões...

Chegam a Jerusalem
Por linda manhã macia
Tão doce e branda que nem
Uma só folha bulia...

Logo ao sacerdote dão,
Para que os junte no altar,
Cada um, o seu bordão...
Quem será que hade casar,

Quem merece honras de esposo
Dessa menina bendita
De rosto melodioso
E de virtude infinita?..

Cada um porênt sentiu
A decepção mais amara.
Não se enfolhou, não floriu
Nenhuma, nenhuma vara!

E o sacerdote pasmado
Cogita, de olhos no céu,
Como pode ter falhado
O que o Senhor prometeu?!...

Vai-se, aos poucos todo o bando
Dos alegres pretendentes
Tristemente debandando,
De olhar baixo e mãos pendentes...

E leve um tanta amargura
Que foi para uma caverna,
Na penitência mais dura,
Chorar a paixão eterna...

E nesse exílio remoto
O seu mal tornou-se em bem,
Fez-se cristão, foi devoto
De Jesus e de sua Mãe...

Voltando à parte deixada,
Regressando ao principal,
Que esta lenda delicada
Tem, como tudo, um final...

Logo alguém esclareceu
Que outro parente ainda havia:
Certo José galileu,
Que em Nazaré residia.

Foi em seguida intimado
A vir a Jerusalem.
São José, preocupado,
Parte lesto, presto vem...

— Qual a causa da tua falta
A uma ordem do céu,
A uma ordem tão alta,
Tão alta que Deus a deu?..

E São José replicou
Com modos brandos e nobres:
— Meio-velho como sou,
E pobre como os mais pobres,

Como sonhar ser esposo
Dessa menina bendita
De rosto melodioso
E de virtude infinita?..—

Entrega o bordão, e apenas
Sobre o altar poisado ele é,
Nasceram sete açucenas
No bordão de São José.

Com lágrimas de alegria
O sacerdote lhe dá,
Por sua mulher, Maria
Lua nova de Judá...

Quando à noite se deitaram,
Quando juntos se despiram,
Tão castamente se olharam
Que só respeito sentiram...

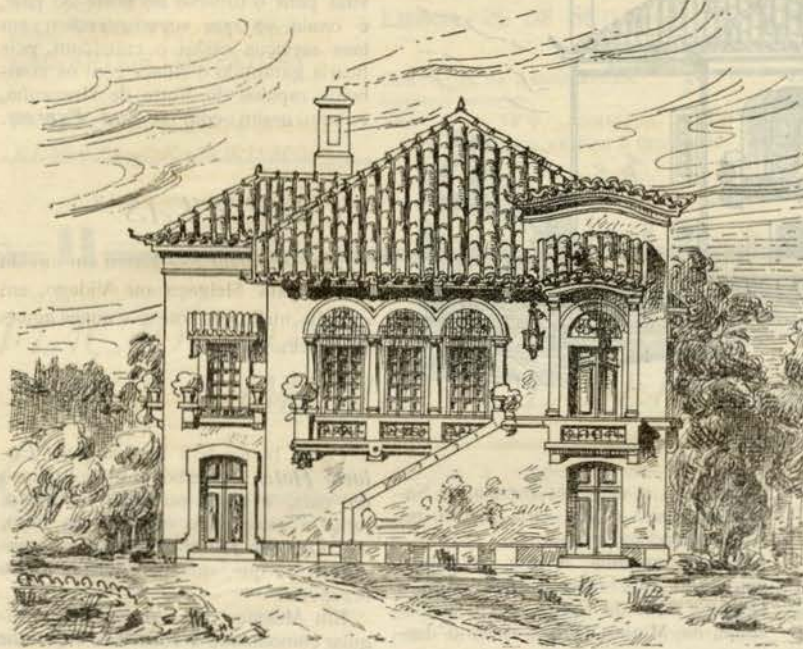
Não sentiram os instintos
Da carne vibrante e acesa...
Eram dois corpos destintos
— Uma e a mesma pureza

Do livro *Alba Plena*, que acaba de sahir a 2.^a edição, por se ter esgotado a 1.^a em curtas semanas.

A "CASA PORTUGUEZA,"

NA PENULTIMA EXPOSIÇÃO
DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

I



TENDO os architectos nacionaes brilhado pela sua ausencia, na ultima Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, vamos apresentar os trabalhos que o novel e já distincto artista, sr. Edmundo Tavares, apresentou na penultima Exposição, por serem esses trabalhos uma afirmação do que aqui escrevemos no ultimo numero d'esta revista, isto é, que com talento e boa vontade se pode fazer a «casa portugueza», aproveitando para isso todos os interessantes elementos que por todo o paiz se podem colher em abundancia.

A estilisação da casa que as nossas gravuras representam é bem nacional.

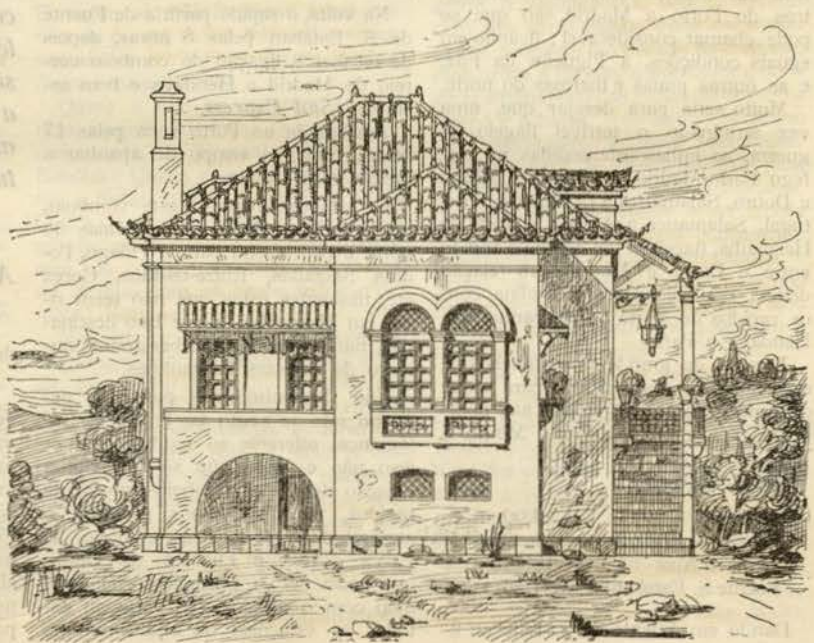
A escada exterior, tendo no patamar superior o alpendre a guardar a portada, e a varanda.

A janela triple com os seus columnelos, os seus vasos para florões nos extremos, succedendo o mesmo na janela do peitoril, alpendrada, no corpo reentrante, tendo na parte inferior uma porta para a loja de bastante pé direito, para poder ser aproveitado para quartos, arrecadações e outros serviços.

FACHADA LATERAL A

As fachadas lateraes são bem movimentadas e interessantes.

A fachada lateral A tem a sua janela geminada no corpo saliente e a seguir um terraço, pertencente á sala



de jantar, coberto com alpendre e assente sobre um arco de volta inteira.

A fachada B, tem uma espaçosa varanda, no hall, para onde tem acesso pelo vestibulo de entrada, e dando acesso para a sala de visitas, por um lado, em frente da varanda e no topo para um corredor, dando acesso para outras divisões interiores.

Ao lado d'esta varanda nota-se uma estreita janela sobre a qual existe um remato, prolongamento do que existe por sobre o alpendre da fachada principal e que é um bonito elemento decorativo azulejado.

Eis, em poucas palavras o que é a bonita vivenda projectada pelo distincto architecto, sr. Edmundo Tavares, que mostra boa vontade e intelligencia em adatar a estilisação tradicionalista á casa moderna.

Ha mais trabalhos do mesmo genero e que figuraram na mesma Exposição que iremos publicando, procurando assim estimular o gosto pela nossa architectura, pois bem lhe podemos chamar nossa, visto que os elementos de que se compõe bem nacionaes são.

Já que, oficialmente nada se tem feito, para provocar uma corrente favoravel á nacionalizaçào da habitaçào no nosso paiz, que, ao menos os particulares vão empregando os seus esforços n'esse sentido.

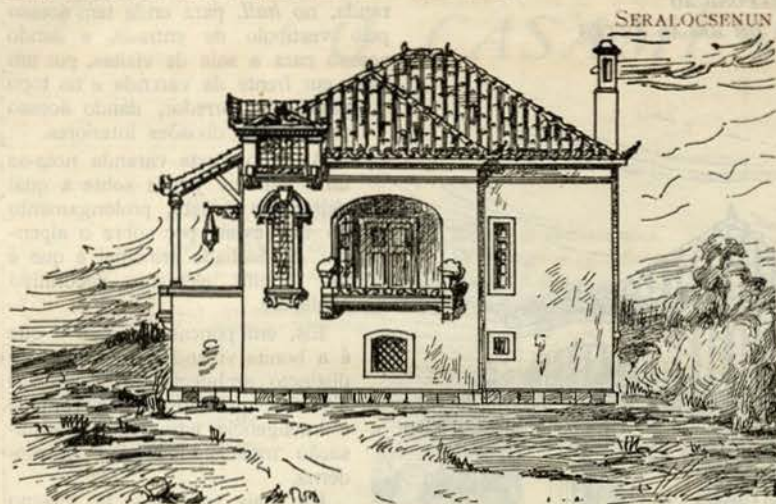
Bem sabem, que é mais difficil projectar e executar uma casa n'estas

condições, de que imitar o que já está feito, com profusão, por toda a parte, mas, não é isso motivo para que nos

abstenham da propaganda, que, estamos certos, tarde ou cedo, dará bons resultados.

dos comboios, em regra chamados em Hespanha, correios-expressos. Sendo portanto o comboio apenas rápido no trajecto Porto-Barca d'Alva, onde o tráfego local, justifica a criação de tal comboio.

Repetimos, parece-nos uma questão vital para o turismo no norte do paiz, e oxalá os que superintendem em taes serviços assim o entendam, pois ficaria garantido o enlace com os comboios rápidos do Norte de Hespanha, e bem assim com o *Sud Express*.



FACHADA LATERAL B

LIGAÇÃO RAPIDA PORTO-MADRID-PARIS

PROSEGUEM com actividade os trabalhos do caminho de ferro de Salamanca a Avila, na extensão de 103 kilometros, estando já em exploração 41, faltando portanto 62; e cujos trabalhos de construção e a exploração foram entregues á Companhia de Medina a Salamanca.

A nova linha uma vez concluída, traz um encurtamento de 60 kilometros do Porto a Madrid, ao que se pode chamar consideravel; ficando em eguaes condições, a Figueira da Foz, e as outras praias e thermas do norte.

Muito seria para desejar que, uma vez terminado o terrivel flagelo da guerra, as linhas interessadas no tráfego Porto-Madrid, ou sejam o Minho e Douro, Salamanca á fronteira de Portugal, Salamanca a Avila e o Norte de Hespanha, fizessem um comboio rápido entre o Porto e Madrid, em relação directa em Salamanca e Medina com os rápidos do Norte de Hespanha para Hendaya e Paris.

E seria de grande importancia que esse comboio fosse diario, para o que certamente bastaria, liga-lo aos comboios rápidos Lisboa-Porto, Minho e Vale do Corgo.

Exemplifiquemos:

Porto.....	P.	14,00 h.
Regoa.....	»	16,30 »
Barca d'Alva....	»	18,40 »
Fuente S. Esteban C.		21,25 »

Dando em Fuente de S. Esteban li-

gação com o comboio correio, de Salamanca, para o que seria preciso retarda-lo apenas 1 hora.

Em Campanhã levaria os passageiros do rápido de Lisboa, para o Douro e Vale de Corgo, e em Ermesinde, do Minho, com o mesmo destino.

Julgamos assim garantido um serviço diario, mas quando isso não bastasse, podia adicionar-se á sua composição uma carruagem de 3.ª classe, como fazem os comboios rápidos hespanhoes.

Na volta, o rápido partiria de Fuente de S. Esteban pelas 8 horas, depois de receber a ligação do comboio correio de Madrid e Hendaya e bem assim do *Sud Express*.

A chegada ao Porto seria pelas 17 horas, muito o tempo de apanhar o rápido para Lisboa.

O estabelecimento d'este comboio, era condição vital para as praias do norte e bem assim para o Vidago, Pedras Salgadas, Entre-os-Rios, Gerez etc, nascentes estas que não tem rival em Hespanha, e por isso destinadas, naturalmente, a receber grande numero de aquistas hespanhoes.

Não desconhecemos porem, o pequeno raio de acção das linhas de Salamanca, referente ao seu tráfego, por isso não é justo que se lhe exija a criação de novos comboios, normente rápidos, mas parece-nos possivel, o aceleramento de alguns, como o de Barca d'Alva e Fuentes de Oñoro que podia ser o comboio correio fundido com o rápido, com paragem em todas as estações, ou seja a marcha

CONSULTAS

...Sr. redactor: — Estou em duvida em ir para Melgaço ou Vidago, em qual ha melhores hotéis, e quaes aguas são melhores?

FRETTAS

Como hotéis tem no Vidago o *Palacio Hotel*, o melhor e mais luxuoso do paiz, e ainda outros, o *Avenida*, junto á estação do caminho de ferro, e o *Grande Hotel* dentro de um magnifico parque, qualquer d'estes muito razoaveis.

Em Melgaço, ha 3 hotéis, com regular comodidade o *Ranhada* o *Quinta do Peso* e o *Alto Minho*;

Quanto á 2.ª parte da carta, achamos bom consultar um medico.

Esta secção é destinada a consullas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.

A NOSSA REVISTA

Recortamos do Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal:

"*Revista de Turismo*.. — Acaba de ver a luz esta revista que magnificamente illustrada dedica as suas columnas especialmente ao turismo e promove o gosto das viagens pelo nosso paiz.—Pela natureza do assumpto e fórma interessante por que as belezas naturaes e artisticas do nosso paiz ali são tratadas, não duvidamos chamar a atenção dos nossos consocios para a sua leitura.